

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

BARK (William Carroll). — **The origins of the Medieval World**. Stanford University Press, 1958, 162 págs.

No panorama atual dos estudos históricos, sempre levará vantagem quem defender um ponto de vista orientado pela idéia da História como um processo ininterrupto, como um fluxo contínuo, a lembrar-nos a velha imagem de Heraclito: um rio, aparentemente sempre o mesmo, e no entretanto mudando de instante a instante. Deveras, é difícil imaginarmos uma tese que, dando a um momento a primazia sobre o processo, valorizando demasiado um episódio em detrimento do complexo encadeamento dos fatos, não seja logo alvo de cômodos ataques. Os inúmeros trabalhos compostos acerca do início da Idade Média no Ocidente confirmam-nos esta facilidade, enquadrando-se entre eles o volume em questão, integrado na série **Stanford Studies in History, Economics and Political Science**, de autoria do Prof. W. C. Bark. Decididamente é favorável à predominância do processo sobre o momento histórico, segundo verificamos expressamente em várias passagens (cf. págs. 38, 58, 59, 60, 87, etc.), o Autor toma posição de violenta hostilidade a Henri Pirenne, sob pretexto de ser este um meio mais fácil de se iniciarem as considerações tocantes ao “problema da Idade Média” (pág. 7). Ao medievalista belga, assim, cabe um papel de bode expiatório, pois concluímos serem atacados, sob seu nome, diversos autores não mencionados e, portanto, injustamente poupados pela veemência das expressões do prof. Bark. Na realidade, em se tratando de examinar a tese de Pirenne, à semelhança do que se faz no caso presente, julgamos ser de interesse uma pesquisa um pouquinho mais acurada, independentemente do perigo de transbordar dos limites a si mesmo fixados pelo Autor. A lembrança do nome de Gutschmid, por exemplo, cujo ensaio **Die Grenze zwischen Altertum und Mittelalter** [**Die Grenzboten** 22 (1863) págs. 330 e ss.] pode ser tido como um precursor do **Mahomet et Charlemagne**, seria aqui bem conveniente, quando não no texto, ao menos na bibliografia final; poderia o leitor, partindo dêle, chegar a uma visão do desenvolvimento de uma tese que, certamente, foi condicionada pelas características da Europa sua contemporânea. Tal atitude seria tanto mais recomendável, quanto o livro do Prof. Bark é um exemplo frisante da maneira pela qual o mundo ambiente determina a visão do passado. O Autor, aliás, parece incluir-se na linha de intelectuais norte-americanos que encaram como sua função primacial a permanente reflexão sobre problemas e tendências do presente, com uma correspondente atitude crítica frente aos mesmos. Não se expõe êle, assim, à acusação de passividade diante do mundo que o cerca, pois jamais perde de vista a posição dos Estados Unidos em nossos dias, afirmando

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres o envio de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

claramente serem as questões relativas ao seu tema dignas de considerações **for the citizens of a democracy in any age, not least our own** (pág. 1). Temos, em consequência, uma visão das origens da Idade Média pelo prisma norte-americano. Isto se faz de maneira evidente, a ponto de nos levar, muitas vèzes, à idéia de uma transposição pura e simples de um plano para outro. As preocupações econômicas, e preocupações econômicas correspondentes a um nível tipicamente americano — frisemos — invocam-se em palavras que não permitem qualquer dúvida, como se vê: **The essencial economic consideration for a complicated society, as the contemporary world knows, is not simply the existence of abundant gold supplies, but rather the ability to produce and distribute abundant wealth and to use enough of it peacefully and efficiently for the maintenance of an adequate standard of living** (pág. 36). Partindo desta base, discutem-se então aspectos do fim do Império Romano. Ora, tal como se apresenta, um procedimento desta ordem parece-nos excessivamente violento perante a História, e é êste traço, não obstante, que caracteriza tôda a obra em questão. A tese que o Autor se propõe defender, por outro lado, não pode ser tida como nova, a julgarmos por suas próprias palavras: **The primary thesis (...) of this work as a whole, is that something new, distinct and essentially original began in the Western European portion of the Roman Empire; that its elements are distinguishable by the fourth century, and some of them earlier. This "something" is perhaps best described as a new attitude toward life** (pág. 69). Nada de novo, também, quando o Autor atribui grande importância ao reinado de Constantino, apesar da maneira enfática como o faz (cf. pág. 42); lembremos, a tal respeito, que a longa lista dos autores para os quais o período constantiniano é o mais apropriado para assinalar o início da Idade Média inaugurou-se — tanto quanto sabemos — em pleno século XVII, com o nome de Christoph Keller, da Universidade de Halle, em seus compêndios **Historia Antiqua** (1685) e **Historia Medii Aevii** (1688). A novidade da tese do Prof. Bark residiria, talvez, na alegada "nova atitude perante a vida". Isto mesmo, porém, já estaria contido nas palavras de Rostovtzeff, citadas, aliás, pelo próprio Autor: **What happened was a slow and gradual change, "a shifting of values in the consciousness of men"** (pág. 64; as aspas são nossas). Restamos, enfim, o recurso à interpretação nova de um velho tema, através da visão dos Estados Unidos frente à Europa, assumindo consciência de novos valores e esforçando-se por afirmar sua autonomia espiritual. Até mesmo a insistência do Autor em aplicar a expressão **new world** à Idade Média traz-nos à mente, por oposição, os **old countries**, designativos das terras dos ancestrais dos norte-americanos de hoje. E' conveniente, mesmo, recorrermos mais uma vez a algumas de suas passagens, não só para melhor esclarecer nossa opinião, como também a fim de evitar suspeitas de precipitação no nosso julgamento. Vejamos, por exemplo, o seguinte: **Perhaps it is not too much to say that medieval society was functional in ways not even dreamed of by antiquity and leading to ends beyond the**

imagination of earlier times. By “functional” I mean that it was a working, striving society, impelled to pioneer, forced to experiment, often making mistakes but also drawing upon the energies of its people much more fully than its predecessors, and eventually allowing them much fuller and freer scope for developments (pág. 70). Ou, então, estas linhas: **The test of their merit as creators of a civilization was whether they “could” learn, and learn better than their predecessors had learned. It is because they proved to possess this capacity to learn, and ultimately, after long and difficult centuries, to create a civilization which was richer than the Roman, more humane, more conducive to a individual dignity and responsibility, that one cannot accept the end of classical civilization in the West as an unmitigated catastrophe** (pág. 88). Não nos sentimos, em ambos os casos, tentados a substituir Idade Média e Antigüidade por América e Europa, especialmente América e Europa de após segunda guerra mundial? Não nos lembramos, até, das palavras do general Patton, quando do desembarque aliado na Sicília, em 1943, ao opor a liberdade encontrada pelos imigrantes alemães e italianos na América à servidão dos que permaneceram na mãe pátria?

São inegáveis no volume, por outro lado, diversos aspectos negativos, conduzindo-nos a não lhe atribuir grande valor para o estudo de Idade Média pròpriamente dita. Destacam-se freqüentes repetições de banalidades (cf. págs. 29, 30, 73), frases de interpretação perigosa (**It is harder to tell all that happened in the West than to tell what it meant**, pág. 104), relações de duvidosa valia (**For whom was the Roman failure bad? — Certainly not for the present age...**, pág. 105) e um certo dogmatismo que se expressa, por exemplo, na insistente segurança quanto ao emprêgo da palavra “realidade” (cf. págs. 19, 22, 28, etc.). Duas facetas positivas, em compensação, saltam aos olhos: o valor documental para o estudo dos esforços de autonomia da intelectualidade norte-americana frente à Europa e — como já dissemos — a ênfase com que se afirma a idéia da História como processo contínuo. Infelizmente, êste último traço é prejudicado pela intolerância para com os autores de cujas opiniões discorda o Prof. Bark, o que nos sugere acreditar êle na possibilidade de se estabelecerem juízos absolutos, num campo em que tais juízos só podem ser determinados pelas condições do tempo, em constante mutação.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*

* *

YUSFRAN (Pablo Max). — **La Expedicion Norte Americana contra el Paraguay, 1858-1859**. Editorial Guaranía. México. 1954-1958. 2 volumes. 263 + 278 pp.

Sob o título: **La Expedicion Norte Americana contra el Paraguay 1858-1859**, o historiador Pablo Max Yusfran, da **The University of Texas**, apresenta-nos sua obra em dois volumes, o primeiro publica-